



GEOSABERES: Revista de Estudos  
Geoeeducacionais  
ISSN: 2178-0463  
fabimoria@gmail.com  
Universidade Federal do Ceará  
Brasil

# PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS NA LINGUAGEM DO CINEMA: A CIDADE DE LONDRES EM 007 OPERAÇÃO SKYFALL

**ELVYS SILVA LIMA, FRANCISCO; ESTEVAM GONÇALVES, TIAGO**

PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS NA LINGUAGEM DO CINEMA: A CIDADE DE LONDRES EM 007  
OPERAÇÃO SKYFALL

GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeeducacionais, vol. 10, núm. 22, 2019

Universidade Federal do Ceará, Brasil

**Disponível em:** <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552860312014>

**DOI:** <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v10i22.732>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

## PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS NA LINGUAGEM DO CINEMA: A CIDADE DE LONDRES EM 007 OPERAÇÃO SKYFALL

GEOGRAPHICAL PERSPECTIVES IN THE LANGUAGE OF THE CINEMA: THE CITY OF LONDON IN 007 SKYFALL

PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS EN EL LENGUAJE DEL CINEMA: LA CIUDAD DE LONDRES EN 007 OPERACIÓN SKYFALL

FRANCISCO ELVYS SILVA LIMA

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Brasil*  
elvysifce@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-0929-3279>

DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v10i22.732>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552860312014>

TIAGO ESTEVAM GONÇALVES

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Brasil*  
tiagoestevam@ifce.edu.br

 <http://orcid.org/0000-0002-0897-0664>

Recepção: 07 Fevereiro 2019

Aprovação: 01 Agosto 2019

### RESUMO:

Partindo de uma análise do filme 007 – Operação Skyfall sob a direção geográfica, tem-se como objetivo desse estudo explorar as relações entre geografia e imagens a partir da representação do espaço urbano da cidade de Londres no cinema, através de recortes de cenas. Buscando ir além dos estudos já produzidos, o artigo busca o entendimento das paisagens cinematográficas, interpretando-as em uma visão geográfica os elementos que a compõe, relacioná-las com a realidade e buscar compreender os fatores que podem possibilitar a mudança no seu significado com a manipulação das paisagens reais. Considera-se que é possível as aproximações entre a geografia e a arte cinematográfica, conduzindo os novos pesquisadores a uma reflexão interdisciplinar do conhecimento a respeito do espaço urbano londrino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia, Espaço urbano, Paisagens.

### ABSTRACT:

Starting from an analysis of the film 007 - Operation Skyfall under the geographical direction, it is the objective of this study to explore the relations between geography and images from the representation of the urban space of the city of London in the cinema, through cuts of scenes. Seeking to go beyond the studies already produced, the article to aim to understand the cinematographic landscapes, interpreting them in a geographic view the elements that compose it, relate them to reality and understanding the factors that can enable the change in their meaning with the manipulation of the real landscapes. It is considered that the approximations between geography and cinematographic art are possible, leading the new researchers to an interdisciplinary reflection of the knowledge about the urban space of London.

**KEYWORDS:** Geography, Urban space, Landscapes.

### RESUMEN:

A partir de un análisis de la película 007 - Operación Skyfall bajo la dirección geográfica, se tiene como objetivo de este estudio explorar las relaciones entre geografia e imágenes a partir de la representación del espacio urbano de la ciudad de Londres en el cine, a través de recortes de escenas. En busca de más allá de los estudios ya producidos, el artículo busca el entendimiento de los paisajes cinematográficos, interpretando en una visión geográfica los elementos que la componen, relacionarlas con la realidad y buscar comprender los factores que pueden posibilitar el cambio en su significado con la manipulación de los paisajes reales. Se considera que es posible los acercamientos entre la geografia y el arte cinematográfico, conduciendo a los nuevos investigadores a una reflexión interdisciplinaria del conocimiento acerca del espacio urbano londinense.

**PALABRAS CLAVE:** Geografía, Espacio urbano, Paisajes.

## INTRODUÇÃO

A Geografia tem se aproximado cada vez mais das artes em geral, em especial, a arte cinematográfica. A temática geografia e cinema tem aos poucos despertado a atenção dos pesquisadores. No que tange aos elementos cinematográficos observar-se diversas análises científicas nessa área de estudo. Nos últimos anos, novas frentes de pesquisa tem-se observado na busca de compreender a complexidade e a interação de análise do cinema com outros campos científicos, a incluir a área da geografia. A partir do cinema, os conceitos geográficos poderão ter uma nova leitura interdisciplinar. Nesse artigo, a geografia com os estudos humanísticos e uma base teórica bem estruturada serão aporte na discussão entre cinema, linguagem e paisagem geográfica.

A ciência geográfica enquanto processos naturais e sociais possui uma característica interdisciplinar desde concepção epistemológica. Essa característica gera pressupostos facilitadores capazes de realizar uma leitura da linguagem cinematográfica (DANTE, 2016). Os processos naturais advêm de um conjunto de sistemas da natureza que o homem pode modificá-la para sua sobrevivência, já os processos sociais compreendem a vida social e a relação do homem-homem e homem-natureza. Na linguagem do cinema pode-se observar a relação desses processos. Nesse caminho, o artigo buscará o entendimento da relação cinema-geografia.

O cinema deixou de ser um estudo de um nicho: cineastas, críticos de filmes, espectadores e dentre outros; antropólogos, geógrafos, historiadores e outras ciências imergiram nesse assunto de forma a tornar obras filmicas em verdadeiros objetos que podem ser estudados, correlacionando-os com a realidade em que vivemos.

Os elementos do cinema têm uma ampla área a ser estudada em diferentes ciências. Tendo em vista o leque de opções que são disponibilizadas e que ainda não foram aprofundadas, os estudos da relação entre geografia e cinema são relevantes para tentar compreender os conceitos geográficos na linguagem cinematográfica, suas causas e consequências, bem como as manipulações exercidas para modelar o espaço em que as narrativas são construídas.

O filme escolhido para ser o objeto de análises foi 007 – Operação Skyfall, uma franquia bastante conhecida mundialmente, com mais de 50 anos desde seu primeiro filme. 007 – Operação Skyfall é um filme britânico de 2012, o vigésimo terceiro filme da franquia cinematográfica de James Bond, produzida pela EON Productions e o terceiro filme a ter Daniel Craig interpretando o agente secreto 007. A trama ocorreu em várias cidades, em especial, na cidade de Londres, e por sua vez, as narrativas giram em torno da mesma. No que tange ao quadro urbanístico e econômico, a cidade de Londres modificou-se substancialmente. Com essas mudanças a cidade se transformou em uma economia de escala internacional.

O filme tem como personagem principal James Bond, também conhecido pelo código 007, é um agente secreto fictício do serviço de espionagem britânico MI-6, criado pelo escritor Ian Fleming em 1953. O personagem foi apresentado ao público em livros de bolso na década de 1960, tornando-se um sucesso de venda e popularidade entre os britânicos e, posteriormente, ganhando destaque em outros países. Na década seguinte, os livros viraram uma grande franquia no cinema, a mais duradoura e financeiramente estável, com um total de vinte e quatro filmes oficiais começando com O Satânico Dr. No, e tendo como último filme 007 contra Spectre, lançado em 2015.

Os filmes foram produzidos inicialmente por Harry Saltzman e Albert Broccoli, detentores dos direitos cinematográficos de praticamente toda a obra já escrita. O protagonista já foi interpretado por seis atores na série oficial: Sean Connery (1962-1967), cujo filme não faz parte da saga original; George Lazenby (1969); Roger Moore (1973-1985); Timothy Dalton (1987-1989); Pierce Brosnan (1995-2002); Daniel Craig (2006-presente).

Londres foi a cidade escolhida para análise no artigo. Levy (1997) evidencia que nos anos 80 a cidade de Londres teve um avanço na sua estrutura urbana, dividindo com Nova York e Tóquio o domínio hierárquico

no cenário urbano mundial, motivada principalmente pelos movimentos da economia globalizada, tornando-as cidades globais. Lopes (1998) afirma que a ação dessas cidades influencia diretamente outras cidades a nível mundial.

O conceito de cidade global teve repercussão internacional através da autora Saskia Sassen com o livro *The Global City: New York, London, Tokyo*, em 1991. O desenvolvimento acelerado das cidades e as atividades financeiras em crescimento.

Londres possui visibilidade quando se trata de questões que envolvem o plano internacional. A difusão do cinema pode ser uma forma de interligar um local com a representatividade de uma narrativa da arte cinematográfica no patamar mundial

Quanto aos procedimentos metodológicos teve um caráter qualitativo, abordando inicialmente uma bibliografia que gere uma sustentação teórica de pensamento ora desenvolvido.

Em seguida foi realizado alguns recortes de imagens do filme que represente o contexto narrativo do filme, mas também que se refira a cidade de Londres e a posteriori tendo como categoria analítica a paisagem detectada do filme em análise. As cenas construídas a partir de imagens da paisagem londrina tiveram uma observação crítica, buscando entender por meio de conceitos, a relação explícita e implícita de representatividade.

Por fim, buscará o entendimento da paisagem das imagens cinematográficas, interpretando-as mediante uma visão geográfica, bem como relacioná-las com a realidade e compreender os fatores que podem possibilitar a mudança no seu significado com a manipulação das imagens reais.

## REVISÃO TEÓRICA

Na produção desse artigo alguns elementos foram base para o estudo da geografia e cinema. Para desenvolver uma estruturação teórica sobre o assunto, alguns autores serão importantes para esmiuçar definições e teorias que serão abordadas, sendo eles: Santos (2002), Caiuby (2004), Debray (1994), Ferreira (2012), Amancio (2000), Dardel (2011), Barbosa (1999), Metz (2013), Peirce (2005), Salgueiro (2001), Callai (2000), Rimbert (1973), Guéron (2011) e Marx (1968).

Durante a evolução humana houve transformações significativas no que tange aos aspectos naturais de um território. A alteração da configuração de um espaço vem sendo implantada desde os tempos antigos, com as práticas agrícolas e industriais. A ideia de paisagem e sua distinção é trazida por Milton Santos (2002, p. 103):

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.

A paisagem é um elemento relevante para a construção dos lugares, sendo temporal e mutável de acordo com os diferentes tempos que compõem as características dos lugares. A dinamicidade dos elementos naturais com resultados das ações humanas torna a paisagem constantemente mutável. Salgueiro (2001) aborda duas ideias distintas a respeito do entendimento: I) Objetivas, relacionadas com a fisionomia/morfologia da Terra, ou seja, o conjunto das formas que a constitui, que ressalta, em larga medida, da ação humana sobre a mesma; II) Subjetivas, no sentido associado à hermenêutica e ao simbolismo do produto da relação sociedade-natureza. Segundo Santos (2012, p.71), “A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano”.

A aproximação entre paisagem e lugar é capaz de dar clareza para identificar o que é real e o que não é real; esse vínculo estabelece uma associação com a geograficidade. A Geograficidade é o estado terrestre nomeado por Dardel (2011) para designar a ontológica espacialidade do ser-no-mundo; de certo modo é uma abertura para experiências geográficas de mundo que possa vir a acontecer, gerando um conhecimento geográfico de mundo. Como afirma Marx (1968), ele ressalta que o homem impulsiona, regula e controla a sua própria

ação, pondo em movimento o corpo e atuando sobre a natureza externa capaz de modificá-la e ao mesmo tempo modificando a natureza interna.

O homem sendo capaz de transformar sua natureza interna é capaz também de modificar o espaço em que ele se encontra. Nas obras cinematográficas, as personagens são manipuláveis diante do estado em que elas se encontram, ou seja, a capacidade de modificar o espaço para modificar as ações das personagens é bastante flexível para criar narrativas capazes de ir além do que é conveniente da realidade.

O cinema como uma estética cinematográfica sempre transcreverá o espaço, em suas obras fílmicas, sendo de forma fictícia, simbólica e realista, mostrando todo um contexto onde a paisagem dialogará com as cenas, e as mesmas dialogarão com a paisagem em contextos divergentes no que tange à pluralidade do cinema. As personagens são responsáveis pelas transformações das paisagens, sendo agentes ativos do meio, porém em alguns casos as personagens podem antes serem passivos (capazes de se modificarem em decorrência do lugar), para depois se tornarem transformadores (modificadores ativos do lugar).

A utilização de um recorte de imagem como artifício para uma leitura geográfica de espaço traz a necessidade de ir além do conceito de Milton Santos, tendo em vista que seu conceito abriu portas para avanços científicos que deram auxílio necessário para o desenvolvimento de novos estudos. O conceito é retomado, apresentando a importância para o embasamento da leitura geográfica a respeito da paisagem, Callai (2000, p.111-112) afirma:

A paisagem não se cria por acaso, mas é o resultado da vida dos homens, dos processos de produção, dos movimentos da natureza. E uma educação para leitura da paisagem deve possibilitar [...] identificar os fixos e reconhecer os fluxos, de modo que seja possível entender o universal que se particulariza no lugar, tornando aquele espaço singular e não simplesmente uma porção do todo, mas conexão processual.

Para Santos (2006) a paisagem não é apenas um mero processo físico e geomorfológico, mas também uma consequência do processo social ao longo do tempo que dão identidade ao lugar em sua totalidade, sendo exclusivo e mutável. Rimbart (1973) ressalta que a paisagem humana são expressões de decisões que são orientadas por várias motivações individuais e econômico-sociais, que são projetadas no espaço sensível resultando no estudo sistemático do ambiente (pedologia).

O conhecimento da paisagem geográfica para a criação de filmes deve ser estudado e conceituado não apenas como elementos empírico-analíticos que a geografia traz, mas também dos estudos das representações fílmicas, fotográficas, literárias, históricas e sociológicas.

Amancio (2000, p. 46) retrata alguns desses elementos: "universo diegético criado pela localização geográfica, ambientação cenográfica, pelo vestuário, pela acuidade da trilha sonora, pela caracterização dos atores [...]", já Barbosa (1999) ressalta que na maioria dos filmes, as paisagens necessariamente precisam ser autênticas para que o desenvolvimento das interpretações seja realizado de forma adequada.

Para Metz (2013), a realidade dada ao cinema está aproximada em uma ilusão que se subdivide em duas, sendo a primeira relacionada ao movimento de uma imagem que se reproduz na superfície da tela (profundidade), e a segunda relacionada a partir do sucedimento de imagens estáticas (movimento). A concepção de campo é importante para o entendimento dessa realidade, pois ela é o espaço contido no enquadramento das imagens.

Observa-se no livro de Peirce, chamado de "Semiótica" (2005), que a semiótica está referida a lógica, estando inter-relacionada com os fundamentos dos signos, tal que, um signo é tudo aquilo que pode representar algo ou alguma coisa para alguém ou para um grupo. Peirce (2005, p.51) traz a ideia de 3 divisões que os signos podem ter:

Os signos são divisíveis conforme três tricotomias; a primeira conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concretou uma lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em relação com um interpretante; a terceira, conforme seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou com um signo de razão.

Quanto à diégese relaciona-se a narrativa da obra fílmica com sua dimensão ficcional; o espaço diegético não é medido fisicamente, pois há uma relação do espaço da tela com aquilo que é subjetivo, que está implícito na cena, como afirma Armes (1999, p.190): “[...] o espaço diegético no cinema narrativo pode ser definido como o que os personagens veem e ouvem, e o desenrolar da história preocupa-se em trazer o que está temporariamente não visto e/ou ouvido fora da tela para o espaço da tela”.

Para facilitar a leitura do espaço diegético, um exemplo simples é quando as personagens então tendo uma relação com aquilo que está fora da tela e que vai além da imaginação (pessoas, ruídos, sons, dentre outros). Em contrapartida, temos o espaço extra-diegético que é aquele composto por elementos diretamente ligados às cenas, em que as personagens não podem ouvir, mas que são capazes de trazer uma profundidade da cena fora da narrativa.

O cinema foi capaz de estabelecer, através de seus elementos, uma nova concepção na forma de buscar interpretar o espaço, tanto no seu modo explícito quanto no que se refere às características que vão além do que se pode ser observado do modo superficial. A forma de estudar o papel e a lógica da imagem na sua estruturação e nas relações socioespaciais estabelecidas é uma necessidade para uma melhor compreensão das relações do espaço e do personagem (NEVES, 2010).

Quando se busca o entendimento de uma imagem, a sua leitura vai além da compreensão do óbvio, do que estar sendo exposto. No livro *Escrituras da Imagem*, publicado em 2004, esmiúça que as imagens buscadas em filmes são para tentar entender os valores que estão além do que é visto, quanto ao seu significado e as suas características.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Imagem na construção da paisagem londrina no cinema

A difusão dos estudos geográficos e a relação com o cinema é relativamente recente. Por conseguinte, as ferramentas trabalhadas para entender o cinema ainda estão sendo formuladas e adaptadas, porém Ferreira (2012) traz a ideia de que as correlações de aspectos científicos de outras áreas podem ajudar no entendimento dos estudos geográficos.

A leitura de uma imagem é criada a partir de um ponto de vista particular e singular, ou seja, o espectador é o elemento capaz de interpretar a imagem e é quem constrói a significação de um filme, através da observação dos objetos da imagem que se formula uma ideia particular e/ou social.

Uma interpretação da estética do cinema que os espectadores têm é superficial, pode-se compreender que a linguagem cinematográfica está além do que pode ser visto, do que está além do que é compreensível a olho nu; a relação da geografia com o cinema é embasada por motivos científicos capazes de ser aprofundadas de diferentes maneiras, com o estudo do espaço cinematográfico, a estruturação das paisagens e a criação das narrativas. As formas que os diretores cinematográficos buscam entender, a geografia do cinema, para criar narrativas que possam chamar a atenção, com elementos capazes de fazer das cenas atraentes de acordo com o que pretende ser representado de acordo com aquilo que se é trabalhado.

As imagens cinematográficas não são precisamente trajadas de significado, dessa forma elas necessitam de um aporte de legendas e/ou sons para que a possam dar sentido e significado sem uma ambiguidade casual. A troca de uma cena para outra é mostrada por uma rápida sobreposição de corte de imagens e/ou sons, chama-se esse momento de mudança interrupta; a forma que não há necessariamente um corte por completo da tela, ou seja, o espaço sonoro pode ser trabalhado independentemente da sobreposição de tomadas e cortes de imagens, chama-se já esse de mudança ininterrupta de cenas.



Como entender imagens que, ao voltarem-se para o real, não o reproduzem, mas fazem dele uma imagem que permite ver o que dificilmente era visto. Para nós antropólogos, essa percepção propiciada pela imagem é, de algum modo, semelhante àquela possibilitada pela etnografia. (CAIUBY, 2004, p. 12).

A imagem pode representar o real, mas não pode representá-la em sua totalidade, tendo em vista as alterações que as imagens podem sofrer antes, durante e até depois a sua construção. A realidade se torna simbólica e acabará sendo aceita como a verdade, mesmo que as alterações venham a fugir dos padrões reais do lugar.

A imagem é capaz de condicionar sua linguagem com a possibilidade de integração da produção cinematográfica a partir da imagem construída. O cinema é realizado num espaço fisicamente limitado, mas em contrapartida ele faz com que o espectador possa ver e ser deslocado por todo o espaço geográfico da imagem em que sua linguagem representa, e também pela manipulação do tempo que se dá pelo congelamento de imagens de um espaço e sua mudança para outro espaço onde ocorre outra narrativa sendo ao mesmo tempo histórico da imagem anterior.

### *Aspectos de Londres detectados no filme*

Pessoas de diversos países mudam para Londres buscando as potenciais oportunidades econômicas e sociais oferecidas pela cidade, sua dinâmica se deve a grande densidade populacional. Em contrapartida, o sistema de transporte merece atenção importante tornando-se elemento de intervenção estratégica para gerenciar a mobilidade urbana local.

Londres é uma grande cidade dividida em zonas, cada região tem sua estrutura urbana que difere das demais de acordo com as necessidades dos residentes locais, além do fato de ser uma cidade cosmopolita. Independente da época do ano a cidade tem muito para se ver e viver, a primavera tem dias mais longos e a cidade fica mais florida, durante o inverno há muito vento e umidade, além da neve que traz um charme a mais para a paisagem londrina. É também no inverno que muitos locais públicos e privados ficam fechados.

Existem 5 aeroportos na cidade que recebem voos nacionais e internacionais, pode-se destacar a organização desse modal no âmbito da mobilidade urbana local. Os transportes mais utilizados na cidade são o metrô e os táxis, sendo que, à noite há menos linhas de ônibus e os itinerários são mais longos.

A cidade desenvolveu um sistema de transporte que visa dar uma dinâmica mais eficiente na vida das pessoas, tornando o tempo cada vez mais curto de tráfego tanto para os turistas como para os moradores da cidade. Com todo o desenvolvimento do transporte, a dissipação da tecnologia nesse meio foi um dos pilares capazes de fomentar informações necessárias para os residentes e para os visitantes, ou seja, facilitou o acesso ao conhecimento da cidade, de monumentos e a informação de eventos culturais, em contrapartida, ajudou na construção da sociedade londrina através de sua utilização no âmbito produtivo.

O meio geográfico e seus processos perpassam por evoluções para entender os avanços do espaço, dessa forma, a construção de Londres se modificou com o tempo. Santos (2008), dividiu a evolução da transformação do espaço em três, a primeira corresponde ao meio natural, onde o emprego de técnicas estavam voltadas para a natureza; a segundo período ficou conhecido como o meio técnico, ou seja, nessa etapa foram introduzidos objetos e sistemas capazes de instigar a inserção de tecnologias no meio produtivo; a última etapa ficou conhecida como meio-técnico-informacional, que representa a atual situação do sistema de produção e transformação do espaço geográfico.

A tecnologia da informação no mundo moderno tornou-se cada vez mais necessário para o desenvolvimento urbano de grandes centros comerciais, com Londres não foi diferente.

A cidade de Londres se mantém atualizada tanto no meio tecnológico quanto nas diversidades de serviços que a cidade é capaz de oferecer. A sua significação no plano mundial se dá não somente pelo marketing proposto, mas nos grandes centros comerciais que desenvolve trabalhos de excelência na cidade, podemos citar a alta costura de lojas com renomes internacionais, antiguidades, lojas de joias e pratarias, os hotéis locais,

os restaurantes com cozinhas internacionais, o café londrino e muitas outras representações que divulgam não só o nome da cidade, mas também atraindo os olhares de investidores para o desenvolvimento econômico londrino.

As autoridades britânicas, como no Brasil, são obrigadas a publicar e revisar seus planos diretores. O governo local disponibilizou, em 2018, para a população a nova versão do plano diretor, chamado de London Plan. A base do plano é o desenvolvimento sustentável, redução da desigualdade social, incentivo ao uso do rio Tâmisa, transporte coletivo, clima e outros.

No que se refere ao transporte, o London Plan, tem o objetivo de integração entre o uso do solo e transporte, buscando fazer com que as pessoas não dependam dos carros para facilitar os deslocamentos do transporte público, de pedestres e ciclistas. Londres busca ter um planejamento voltado para a qualidade de vida, desenvolvimento rentável das pessoas, mobilidade urbana e desenvolvimento turístico, dessa forma busca ferramentas e métodos capazes de organizar o seu espaço.

Considerando que o desenvolvimento de um local é mediado por processos capazes de alterar o espaço geográfico, a paisagem irá se modificar como consequência desse processo. O interesse do ser humano pela paisagem, seja natural ou artificial, é estimulado pelo seu instinto de sair da rotina e de viver novas experiências, que envolve um deslocamento para uma certa localidade, dessa forma é construído o que chamamos de Turismo.

Hoje contamos com a variante de que temos um grande número de destinos vocacionados às diferentes modalidades, maior número de pessoas circulando pelo mundo, principalmente devido à melhoria na qualidade de serviços, maior acessibilidade, diversidade e quantidade dos meios de transporte. A busca pela qualidade dos elementos que compõem a oferta é garantidora da qualidade do produto turístico, e entender a importância e a conectividade desses elementos na dimensão espacial é fator importante para ações de organização e gestão das localidades. (TELES, 2009)

Londres é um popular polo turístico, sendo um dos principais setores econômicos da cidade, a renda anual desse setor gira em torno de 15 bilhões de libras esterlinas (moeda local). A cidade atrai mais de 14 milhões de visitantes internacionais anualmente, o que a torna uma das cidades mais visitadas de toda a Europa. A cidade comporta uma ampla estrutura de galerias, museus, casas de shows, teatros e salas de concerto, podendo atender a todos os gostos e exigências.

A cidade é um imponente local para criação de muitas narrativas, dessa maneira o cinema toma Londres como um objeto capaz de ser transcrito na tela e constrói uma narrativa por meio da interação de personagens com a paisagem londrina. Os elementos da paisagem entram em sintonia com os filmes que, consequentemente, trazem visibilidade à cidade através do cinema.

O cinema, assim como as outras artes é constituído por um conjunto de elementos que dão estruturação e sentido a sua linguagem (ângulos, cenários, efeitos sonoros, mobilidade da câmera, efeitos gráficos, narrativas, roteiro, elenco e outros), e esses elementos estão intimamente relacionados com o espaço em que ocorre a trama, tendo em vista a correlação do conjunto cinematográfico com a ideia do espaço fílmico. A mobilidade que a câmera tem é relevante no que se refere à exploração do espaço, dando características próprias para cada filme produzido, ou seja, todo filme terá suas peculiaridades diante da constituição de filmagens, de lugares e de espaço.

O filme estrategicamente busca não só ter o sucesso dentro do cinema, ela está intrinsecamente atrelada aos investimentos que a cidade faz para que fortaleça ainda mais a sua supremacia financeira. O filme é produzido de forma com que seja um objeto de divulgação da cidade e dos seus pontos turísticos, bem como é feito com que o personagem principal esteja intimamente ligado a Londres, dessa forma o sucesso do filme trará também um sucesso de marketing para cidade, alavancando sua economia e instigando os turistas a irem ao país para visitar os pontos onde são gravadas cenas da franquia.



### *A análise das cenas*

Os estudos geográficos serão base primordial para que as análises sejam aprofundadas de forma criteriosa para tentar entender o que as imagens podem mostrar, identificando pontos chave para o desenvolvimento da narrativa e sua respectiva interação com o lugar. Diante dessa discussão, far-se-á, primeiramente uma abordagem estrutural da construção da cena, posteriormente uma análise, de recortes temporais em cenas escolhidas, dos elementos que são relevantes tanto no que tange o filme quanto no que trata da simbologia nacional e internacional da cidade de Londres.

No primeiro corte de cena, podemos identificar uma estátua mais aproximado da imagem, e logo atrás uma parte do Palácio de Westminster, onde fica situada a torre do Big Ben. Esta estátua é nomeada de Viscount de Palmerston, sendo um título dado por monarcas e senhores da Grã-Bretanha e da Irlanda que o dava um papel importante na política local bem como na construção da justiça do país inglês; três pessoas receberam tal nomeação, sendo eles: Henry Temple, Henry Temple 2º e Henry John; posteriormente por motivos de sucessão acabou sendo extinguido (Figura 1).

O movimento da imagem é feito de cima para baixo, contemplando boa parte da paisagem local que abrange outros monumentos que fica em uma praça pública, em confronto com o movimento dos carros de uma das personagens do filme que, na narrativa, está indo de encontro ao chefe do departamento onde será tratado assuntos que se refere diretamente ao interesse político de Londres no decorrer da narrativa.

Pode ser percebido na imagem que há uma relação estreita entre o monumento do Viscount de Palmerston em primeiro plano na imagem, em uma cena que trata de uma relação política da narrativa, demonstrando um momento que há uma relação da política no que tange ao desenvolvimento do filme e no grande desenvolvimento político que a cidade de Londres tem atualmente, tal que, entrelaça-se diretamente com a história do país tendo como representação a estátua, fazendo com que traga um significado que vai além a de uma estética cinematográfica da imagem mudando a sua perspectiva e mostrando a cultura política local.

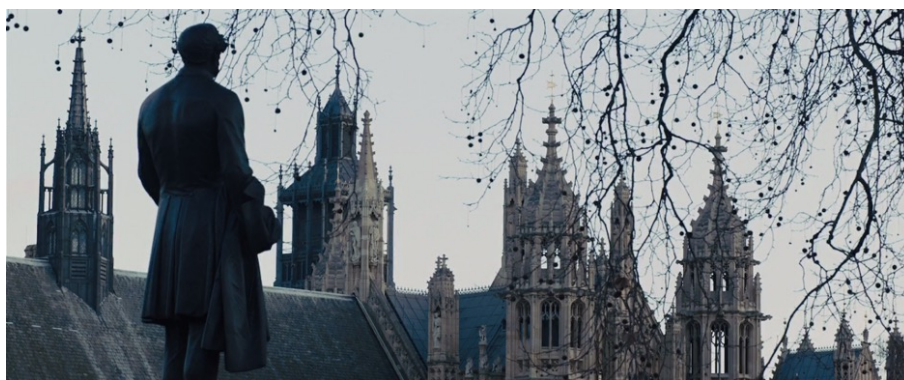


Figura 1 - Cena 1

007 - Operação Skyfall. Nota: 01h 40min 24seg

O entendimento dessa imagem deve ser analisado em uma perspectiva relativa, ou seja, cada indivíduo pode buscar compreender em uma visão mais crítica as formas estéticas que estão sendo usadas na cena, os planos que envolvem a cena e a sua narrativa, o movimento da câmera que envolve uma série de fatores que são capazes de ser interpretados no âmbito geográfico com sua vista panorâmica de um determinado local.

No segundo recorte de cena feito, vemos uma placa da Estação Westminster que fica localizada na rua Parliament St, onde se encontra departamentos importantes do governo britânico. A Estação Westminster é uma das mais conhecidas e utilizadas na cidade, dando acesso a vários pontos turísticos importantes de Londres e sendo o principal meio de locomoção da população (Figura 2).

A evolução da vida moderna se dá por motivos diversos dentro das relações históricas e sociais que a sociedade vive, uma delas é pela indiscutível transformação do transporte que modificou a vida das pessoas. É

fundamental uma organização geográfica das cidades para um planejamento estratégico de transporte não só de pessoas, mas também no que tange o desenvolvimento do mercado no mundo globalizado pois desenvolve assim uma maior flexibilidade da mobilidade e otimização do tempo gasto.

A cena se dá em uma perseguição do Agente 007 ao vilão da narrativa do filme, que tentará matar sua chefe que está em um julgamento em um dos departamentos locais. A câmera faz um movimento suave em diagonal tendo em vista a posição da câmera um pouco a direita, nesse movimento se contempla a placa de identificação com a saída de Bond do metrô.

O que pode ser compreendido nessa imagem é a importância da estação como sendo o principal meio de circulação local, enaltecido na cena, para demonstrar que o metrô de Londres é uma representação da cidade no plano mundial bem um marketing implícito para a utilização do mesmo dos turistas que desejam visitar a cidade.

No terceiro recorte feito, alguns relevantes aspectos que trazem representatividade para a cidade de Londres, bem como sendo uma das cenas importantes do filme, que envolve uma perseguição em conexão ao julgamento de M. (Figura 3).

Primeiramente, pode ser observado James Bond na rua Parliament ST, uma das ruas mais movimentadas de Londres onde se encontram alguns dos departamentos britânicos como: Departamento de coleta de impostos, responsável pela administração e cobrança de alguns impostos, dentre eles o imposto de renda; Departamento de Saúde, é um departamento ministerial apoiado por 28 agências e órgãos públicos; a Cavalaria Britânica, que consiste em um dos mais antigos esquadrão do exército britânico, que usam roupas tradicionais e trazem um espetáculo único na troca de guarda diariamente; e a Repartição Pública Foreign & Commonwealth Office, responsável por promover e defender os interesses britânicos em todo o mundo, localizado próximo a torre do relógio Big Ben, sendo um dos pontos referenciais turísticos, que recebe um grande número de turistas anualmente, para quem deseja visitar não só o Big Ben mas também o Imperial War Museum's (Museu da Guerra Imperial), a praça do Parlamento, os restaurantes com cozinhas internacionais e o Rio Tamisa.



Figura 2 - Cena 2

007 - Operação Skyfall. Nota: 01h 40min 13seg



Figura 3 - Cena 3

007 - Operação Skyfall. Nota: 01h 40min 24seg

O turismo em Londres é baseado na estruturação de sua cidade, ou seja, a forma de fazer turismo foi modificada com o desenvolvimento urbano e social de cada época. Os marcos importantes na história e na construção da cidade atraem turistas todo o ano e do mundo inteiro, fazendo com que a cidade se torne um grande centro turístico da Europa e se destacando também pela sua ação política no mundo e a sua transformação globalizada, servindo de exemplo para as cidades que estão em desenvolvimento no setor do turismo.

O personagem principal está ao meio de um corredor de carros em direção ao local onde está havendo o julgamento, durante essa cena pode ser observado o modo como a câmera é movimentada, não somente para dar valor estético para a cena, mas para buscar um enquadramento de toda a rua, montando assim uma paisagem bastante interessante a ser analisada. O enquadramento é construído a partir de um campo de visão, obtido pela prática do olhar, com elementos característicos que instiga o espectador a dar uma continuidade além do que se pode ver na tela; para se relacionar o movimento das imagens se deve compreender de duas formas: através daquilo que o movimento das imagens evidencia e por meio daquilo que não é evidenciado, desconhecido (METZ, 2013).

A câmera é movida de baixo para cima, construindo uma imagem, onde pontos importantes podem ser analisados a partir do contexto social e histórico que a cidade de Londres tem. Os valores simbólicos apresentados na imagem dão representatividade à cidade no plano internacional, podendo ser observado vários carros que dão valor a cena e simbologia a Londres, primeiro pode ser observado que os carros estão esteticamente perfilados e posicionados de forma que a câmera contemple todos.

Alguns carros são característicos da cidade de Londres, sendo eles: carro de polícia; bombeiros; taxi e o ônibus de dois andares. Por conseguinte, há elementos que revelam também uma identidade única da cidade, sendo eles: as cabines telefônicas; árvores sem folhas, que caracterizam o outono; céu nublado, tendo em vista que a maior parte dia a cidade de Londres fica coberta de nuvens, e os prédios.

Os elementos ressaltados trazem a cidade uma simbologia que agrega as características locais, sendo enaltecidas no filme, o que tornam uma potencial forma de atrair pessoas para visitar a cidade, envolvendo toda uma organização estratégica local para ser um atrativo turístico mundial e a consolidando no Reino Unido não sendo somente uma cidade global, mas a transformando em objeto mercadológico capaz de fornecer uma produtividade financeira de grande importância para a região.

No quarto recorte feito (02h15min00seg), vamos tentar entender um pouco a representatividade do personagem e a sua relação com Londres na perspectiva da construção do mesmo no mercado cinematográfico. Alguns aspectos revelam o recorte da imagem acima de forma que busca ampliar e ressaltar de forma explícita a relação que o personagem tem mediante o envolvimento da narrativa do filme com o seu retorno a sua terra natal e a importância da cidade para a franquia (Figura 4).



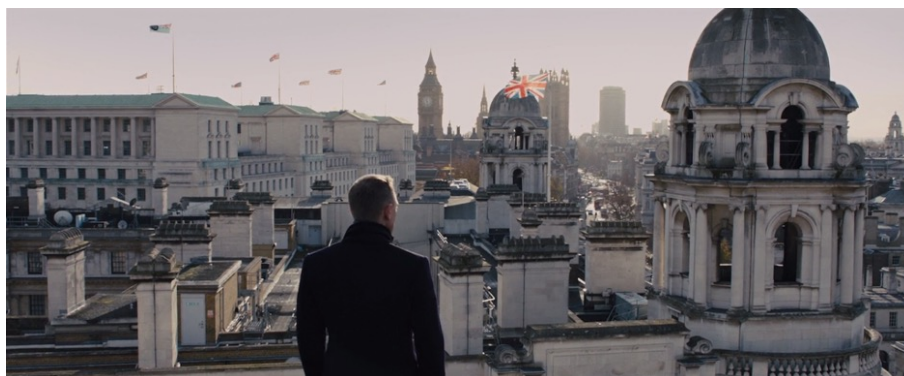


Figura 4 - Cena 4

007 - Operação Skyfall. Nota: 02h 15min 00seg

A construção dessa cena se dá ao final de toda a trama já desenvolvida, sendo um arco para finalizar o filme que busca dar uma linguagem mais emotiva, trazendo um valor ainda maior do ponto de vista estético bem como a adição de elementos importantes da cidade na construção da imagem. No início da cena a câmera busca um movimento, de cima para baixo, que visa primeiro criar um enquadramento que se tem uma visão panorâmica da cidade, onde mostra os seus prédios, bem como algumas construções importantes da cidade e a bandeira do Reino Unido localizada um pouco a direita.

Quando a câmera chega ao seu ângulo final é encontrado esse recorte, onde o personagem principal está quase ao centro da imagem e sua posição destaca um momento de reflexão, em paralelo ao seu olhar buscando o horizonte que se encontra fora da imagem. Um aspecto que podemos ressaltar nesse recorte é a posição do sol, identificando um fim de tarde, o que deixa a cena mais clara que faz com que os prédios estejam mais em destaque.

Ao fundo e esteticamente bem ao centro da imagem podemos ver a construção mais importante de Londres, o Big Ben. Além de ter uma representação significativa para cidade, o Big Ben é claramente uma das construções mais conhecidas no mundo, no que tange a simbologia do país no plano internacional, e sendo também retratada em diversos outros filmes. Em obras anteriores da franquia, a cidade não era tão bem retratada quanto em Skyfall pois muitas das vezes o agente só aparecia na cidade em poucas cenas, e muitas delas não revelavam tão bem os pontos turísticos que ela tem.

Diante todo esse esclarecimento, podemos revelar características que ressaltam a grande relação do personagem com a cidade, bem como em paralelo a divulgação da mesma mediante o marketing que o filme desenvolve em vários países. Londres, por meio de todo o seu desenvolvimento durante os anos, tornou-se uma das cidades mais influentes do mundo, o seu predomínio econômico diante das outras cidades é visivelmente maior e seu valor histórico faz com que a sua importância seja enaltecida.

Por fim, a observância de elementos faz com que o desenvolvimento da narrativa seja adequado, passando pela construção de uma linguagem onde se busca o envolvimento de aspectos narrativos que envolvam de uma maneira sutil os aspectos que a cidade pode oferecer, para que o filme seja uma representação cinematográfica de Londres e um lugar de uma narrativa onde um agente secreto que busca salvar vidas em uma das principais cidades do mundo, Londres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre a Geografia e a arte cinematográfica, direciona aos pesquisadores que buscam a inserção nesse campo e traz uma reflexão a respeito do conhecimento do contexto do cinema e a relação do espaço urbano que constitui a construção das narrativas

A revelação que os recortes trouxeram foram inseridas para criar métodos estratégico, estético, fotográfico, turístico e mercadológico para 007 e Londres, no que trata da sua relação com o personagem e também com a complexa intimidade que tem com a cidade.

Há ainda outros meios capazes de estudar o cinema, tendo vários canais de estudos que podem ser trabalhados não somente na geografia, mas em outras ciências, que podem tomar posse desse objeto de análise e a transformar em um aglomerado de ideias relevantes para descobrir o que ainda há por trás da linguagem cinematográfica.

Assim como outras artes, o cinema é constituído por um conjunto de elementos que dão estruturação e sentido a sua linguagem. O estudo da geografia para a criação de filmes deve ser estudado e conceituado não somente por meio dos elementos empíricos-analíticos que a geografia pode oferecer, mas também dos estudos das representações filmicas, fotográficas, literárias, históricas, sociológicas, dentre outras.

Para a Geografia o cinema vem sendo um objeto de estudo abordado em várias pesquisas, buscando entender a relevância dos significados que as paisagens têm diante das relações interpessoais que as personagens já tenham ou possam vir a ter. A tela já não é mais capaz de prender, ela começa a deixar de ser fisicamente limitada, medida de forma evidente, a sua linguagem vai além do que é fisicamente medido e dessa forma abre amplamente meios de colocar elementos capazes de expandir as suas narrativas que vão além e, esteticamente, modificar as suas imagens para que isso seja possível.

Por fim, a complexidade do cinema está sendo desbravada aos poucos, o que demanda aos pesquisadores novas perspectivas que possam buscar entender cada vez mais a sua construção, modificando a nível mundial as características dos povos e tendo papel transformador na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- AMANCIO, T. O Brasil dos gringos: imagens do cinema. Niterói: Intertexto, 2000.
- ARMES, Roy. On Vídeo: o significado dos vídeos no meio de comunicação; (tradução de George Schlesinger). São Paulo: Summus. 1999.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (org.) A geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999.
- CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- DEBRAY, Régis. Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no ocidente. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FERREIRA, Glauco. "QWOCMAP: (auto)representações de mulheres queer e de cor e sua produção audiovisual nos EUA". Revista Ártemis, 2012.
- GUÉRON, Rodrigo. Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.
- LEVY, Evelyn. Democracia nas cidades globais: um estudo sobre Londres e São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- LOPES, Rodrigo. A cidade internacional: o planejamento estratégico de cidades. Rio de Janeiro: Mauas, 1998.
- MARX, Karl. Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.
- METZ, Christian. A Significação no Cinema. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- NEVES, Alexandre Aldo. Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico. Dourados - MS: Revista Entre-Lugar, 2010.
- PEIRCE, Charles S. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- RIMBERT, Sylvie. Approches des Paysages, L'Espace Géographique. Paris: Doin, 1973.
- SALGUEIRO, Tim. Lisboa, Periferia e Centralidades. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.



SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI – 10ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2006.

SASSEN, Saskia. The Global City: New York, London, Tokyo. Princeton, Princeton University Press, 1991.

TELES, Reinaldo. Fundamentos geográficos do turismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.